



Roberildo Sousa Araújo, OFM^{Cap}*

RESUMO

Este artigo estuda a espiritualidade como instrumento de cuidado, considerando elementos fundantes da Logoterapia, escola psicológica de caráter fenomenológico-existencial-humanista, fundada pelo austríaco Viktor Emil Frankl. A preocupação é menor com a articulação dos seus conceitos chaves, por priorizar os acontecimentos que levaram o vienense a fazer opções autenticamente espirituais e legar ferramentas que podem ajudar a muitos. Daí analisar em sua vida três passagens básicas: da busca de sentido para si ao sentido para os outros, da Psicoterapia à Antropologia, e desta, à Transcendência. Pois, compreender bem o potencial da espiritualidade pode ser um caminho que leva além da cura da alma, à plenitude.

Palavras-chave: Espiritualidade. Logoterapia. Existência. Psicoterapia. Cura. Frankl.

Spirituality as an instrument of care: elements of Franklian logotherapy

ABSTRACT

This article studies spirituality as an instrument of care, considering the founding elements of Logotherapy, a psychological school of phenomenological-existential-humanist character, founded by the Austrian Viktor Emil Frankl. The concern is less with the articulation of its key concepts, for prioritizing the events that led the Viennese to make authentically spiritual options and bequeath the tools that can help many. Hence analyze in his life three basic passages: from the search for meaning for himself to the meaning for others, from Psychotherapy to Anthropology, and from this, to Transcendence. For understanding the potential of spirituality can be a path that leads beyond the healing of the soul to fullness.

Keywords: Spirituality. Logotherapy. Existence. Psychotherapy. Healing. Frankl.

A espiritualidade como instrumento de cuidado: elementos da logoterapia frankliana

Introdução

O presente estudo enfoca *a espiritualidade como instrumento de cuidado: elementos da Logoterapia frankliana*. Apresentará aspectos do pensamento de Viktor Emil Frankl, verdadeiras luzes a fazer emergir o brilho consolador, que, não obstante as tragédias da vida, a pessoa humana pode usufruir na sua vivência. Percorreremos linhas teóricas e práticas do seu Sistema doutrinal, percebendo que o mesmo foi legado por alguém que não só o trabalhou intelectualmente, mas, sobretudo, o experimentou na vida concreta. Daí sempre se poder encontrar nos seus princípios ferramentas para levar consolo espiritual para dentro da existência humana, independente das situações, culturas, épocas ou idades.

Mas esse consolo não vem só da doutrina de Frankl, o mestre vienense ensina aos seus discípulos o caminho da fonte de sentido na própria realidade humana. Por isso partimos da história concreta de sua pessoa: analisando o seu mundo cultural, sua formação, suas opções, e assim, compreendendo a grandeza do ser humano que emerge da Logoterapia. É um percurso que leva à percepção do quanto cada pessoa pode ajudar a si mesma e ao próximo, rumo a uma vida significativa.

Metodologicamente, na primeira seção, com o título *do sentido para si ao sentido para os outros*, veremos aspectos biográficos de Viktor Emil Frankl e seu envolvimento com o mundo da Psicoterapia. Ver-se-á como ele foi confrontado com desumanidades seja já na sua formação, no consultório, nos campos de extermínios nazistas e nas elaborações teóricas da Psicologia moderna (reducionismos/nihilismos). Como ele vivenciou a realidade do cuidado e tratamento do ser humano neurótico na prática clínica e na preparação teórica de soluções, que chegou até a se tornar fonte de estudos de sentido para cientistas e leigos.

A segunda seção ajudará a compreender a passagem *da Psicoterapia à Antropologia* em Viktor Frankl, analisará aspectos do seu Sistema teórico e prático que revolucionaram a compreensão da humanidade do ser humano, modificando o tecnicismo em humanismo. Descobrimos, não só a profundidade do sofrimento da pessoa, mas aclarando a grandeza da sua fonte de sentido em uma espiritualidade inconsciente e transcendente.

Em terceiro lugar, será considerada a passagem *da Antropologia à Transcendência*. Aqui será visto o quanto Frankl sente que a realidade da psicoterapia diante do seu âmbito de trabalho, a interioridade humana, pede novos métodos, por isso se empenha, filosófico e antropologicamente, em elaborar um sistema que dê conta de tratar do humano para além do psiquismo, também no cuidado espiritual. Daí veio a *Logoterapia* como método que parte do espiritual, do sentido da vida, a *Análise existencial* partindo da existência e conduzindo ao espiritual, e a *Cura médica de almas* como uma assistência médico espiritual. Estas são as etapas de evolução do seu sistema doutrinal e da aplicação terapêutica do mesmo. Neste nível, se verá que até quando o destino for imutável, ainda restarão os valores atitudinais, que brilharão diante da consciência, mostrando a incondicionalidade da dignidade humana como suprassentido, inclusive diante da tríade trágica (dor, culpa, morte), do sofrimento.

Assim sendo, a nossa reflexão poderá ser concluída, demonstrando o quanto é possível e acessível encontrar consolo espiritual já nos meandros da existência humana, pois compreender bem o dado da espiritualidade humana enquanto humana, sem confundi-la com religiosidade, pode ser um caminho que leva além da cura da alma, à transcendência. Enfim, dada a natureza e os limites desta pesquisa, se ficar lacunas sobre a temática em voga no pensamento de Frankl, as *Referências Bibliográficas* serão auxílios eficazes.

1 Do sentido para si ao sentido para os outros

1.1 O início da história de Viktor E. Frankl já sinaliza o “sentido”

São muitos os estudiosos da vida e da obra de Viktor E. Frankl. Neste ponto, enfocaremos alguns dos seus dados biográficos. Ele nasceu em Viena, na Áustria, aos 26 de março de 1905, e tornou-se o psiquiatra e neurologista fundador da Logoterapia, Terceira Escola vienense de Psicoterapia, Escola psicológica de caráter fenomenológico, existencial e humanista, também conhecida como Psicologia do sentido da vida (PEREIRA, 2013).

L. Minozzo diz que o interesse do vienense por questões existenciais remonta aos inícios, ainda como estudante. “Prova disso foi ter apresentado, como exame final

do ginásio, um artigo sobre *a psicologia do pensamento filosófico*. Logo em seguida, aos 16 anos, expôs suas ideias sobre *o sentido da vida*, em palestra para o partido socialista da sua cidade” (2013, p. 193). O próprio Frankl diz que, por essa época, já fazia parte de grupos de pesquisas filosóficas na Universidade Popular, dirigidos por Edgar Zilsel. E já estava desenvolvendo duas de suas ideias centrais. A primeira se referia ao fato inquestionável de que nós mesmos é que somos questionados pela vida, e temos que responder com responsabilidade existencial. A segunda acenava para o sentido que transcende a capacidade humana de compreensão, o *suprassentido*, que mesmo inconscientemente todos acreditam que ele está aí como dado (FRANKL, 2010a).

Assim, o jovem Viktor rapidamente impressionou a todos e esses fatos o colocaram em correspondência frequente com Sigmund Freud (1856-1939). Por influência deste, publicou seu primeiro artigo em 1924, na *International Journal of Individual Psychology*, um grande feito para quem ainda cursava medicina (MINOZZO, 2013). Entre 1925 e 1926, passa a frequentar os círculos da Psicologia Individual de Alfred Adler (1870-1937), um dos primeiros grandes dissidentes de Freud. Até publica dois trabalhos no *Internationale Zeitschrift für Individualpsychologie* (PEREIRA, 2013). Já denominava suas ideias de logoterapia, usando o termo grego “*logos*”, como *sentido*. Era o início do que viria a ser a terapia do sentido da vida.

Em 1928, aos 23 anos, Frankl organizou e ofereceu um programa especial, e gratuito, para aconselhamento de alunos do ensino médio. [...]. O programa deu muito certo. Em 1931 nenhum estudante vienense cometeu suicídio. O sucesso despertou a atenção de autoridades europeias, que passaram a convidar Frankl para dar palestras em diversos países (MINOZZO, 2013, p. 193).

O mesmo Minozzo diz que em 1929, ainda no último ano da faculdade de medicina, Frankl já esquematizava o que seria o alicerce da sua contribuição para complementar a psicoterapia em voga. Já apontava as três linhas de valores básicos que viabilizam ao ser humano encontrar o sentido da vida. Os primeiros estavam contidos na capacidade humana de criar algo ou fazer uma ação, o segundo seria a aptidão de experimentar algo ou encontrar alguém, e o terceiro é a capacidade de encontrar sentido até mesmo no sofrimento (2013).

“Entre 1933 e 37, Frankl completou suas residências em Neurologia e Psiquiatria, tornando-se responsável por uma ala tenebrosa do hospital psiquiátrico, chamada de ‘pavilhão do suicídio’. Lá ele atendeu mais de 3 mil mulheres com tendência suicida” (Idem, p. 194).

1.2 O Psiquiatra e Neurologista é desafiado pelo “destino”

As fontes demonstram que já após o ano de 1932, o mundo, a começar da Europa, sofria crises que culminaram na Segunda Guerra Mundial. Com Adolf Hitler tornando-se o Führer supremo da Alemanha e expansões, sobretudo os Judeus, dentre eles, Frankl e a sua família, seriam destinados aos campos de extermínio (PINTOS, 1998).

Diante do despontamento de tamanha barbárie, desdobrando-se como racismo radical, o jovem psiquiatra decidiu não fugir do destino do seu povo. Com sua esposa Tilly Grosser, com quem casou-se em 1941, e toda a família, foi mandado para um gueto e após para campos de concentração como *Theresienstadt*, *Auschwitz*, *Kaufering* e *Türkeim* (MIGUEZ, 2014). Em tal *experimentum crucis*, como o próprio Frankl vai denominar no seu livro relatório, o *Psicólogo no campo de concentração* (FRANKL, 2011), perdeu quase todos os seus: a esposa, os pais, o irmão. Só não perdeu a sua irmã e a sua teoria, a Logoterapia.

Mesmo diante dessas circunstâncias terríveis, Frankl se sentiu impulsionado a viver, pois era impelido pela esperança de reencontrar a esposa e a vontade de publicar as suas ideias sobre a terapia do sentido da vida. “Tamanha era a alimentadora vontade de passar seus conhecimentos a diante, que ele perigosamente escondia rabiscos da sua teoria dentro da roupa” (MINOZZO, 2011, p. 194-195; PINTOS, 1998). Podemos dizer que o nosso autor enfrentou os campos de concentração como busca de maturidade humana. Ali ele sentiu verificar e validar a capacidade humana primordial de *autotranscendência* e *autodistanciamento*, expressa pela *vontade de sentido* que leva a existência humana a ultrapassar a própria pessoa em relação a algo que não é ela mesma. Foi com essas experiências que Frankl sentiu que sobreviveu, e, também contando com quem o libertou, isso tornou possível a Logoterapia após 1945 (FRANKL, 2010a).

A formação e a prática de neurologista e psiquiatra no contexto específico de sofrimento, levaram Viktor Frankl, de maneira não abstrata, a conhecer o essencial do seu objeto de estudos: o ser humano despido de total dignidade, extremamente com medos e morbidades, porém aberto e impulsionado pela capacidade de valorar e encontrar sentidos. Isso o levou a dar verdadeiros passos para a comprovação da sua teoria – o homem com sentido na vida. Diante da terrível dor, Frankl lembrou e usou muito a frase de Nietzsche, “*Quem tem por que viver pode suportar quase qualquer como*” (MINOZZO, 2013, p. 195; FRANKL, 2011; 2016).

O dia oficial da libertação de Frankl foi 27 de abril de 1945 (PINTOS, 1998). Agora permanecia o desejo de reencontrar a sua esposa, que ficou impossível. Mas

[...] o desejo de passar suas ideias para as próximas gerações e contribuir com a ciência, revelar o tesouro que representava toda sua vida de dedicação, que se fundia nele mesmo, a razão que o manteve vivo. Frankl o realizou no ano seguinte, com a publicação do livro: *Dizendo sim para a vida apesar de tudo: experiências de um psicólogo no campo de concentração*. O Dr. Frankl encontrou novos sentidos em sua vida, novos motivos para seguir vivo. Continuou com o brilhantismo em sua carreira. Assumiu a direção da Policlínica Neurológica de Viena, cargo que desempenhou por 25 anos. Deu palestras em 209 Universidades, em todos os cinco continentes. Recebeu 29 títulos de *Doutor honoris causa*, no Brasil pela UFRGS e PUCRS (MINOZZO, 2013, p. 195).

Assim, após ser libertado das garras do nazismo, Frankl seguiu sua vida demonstrando que nem mesmo quando esteve no cativeiro jazeu sem liberdade. Foi sobretudo a partir de então que ele, com todas as energias que pôde, comprovou que dentro de si existe algo que pertence à raça humana e a enobrece: a capacidade espiritual de *dizer sim à vida, apesar de tudo*. Isso se tornou até título de um de seus livros (FRANKL, 2016b), no qual Frankl cita o poeta Hebbel o qual afirmava que *a vida não é algo, mas sim a possibilidade de algo*. E acrescenta o prisioneiro 119.104 (seu número no cativeiro), que se a vida tem um sentido, então o sofrimento também deve tê-lo (FRANKL, 2016b).

Foi com toda essa garra na busca do verdadeiro sentido da vida humana, própria e dos outros, que nosso autor escrevera a sua história, e partiu desse mundo em 02 de setembro de 1997, aos 92 anos de idade (PINTOS, 1998). Assim, a obra de Frankl, junto ao monumento da sua história, continuou a influenciar a muitos sedentos

de sentido. Ela contém o patrimônio da Logoterapia com uma Antropologia terapêutica, da qual destacaremos alguns elementos mais adiante.

1.3 O prisioneiro nº 119.104 se torna fonte de estudos de sentido

Com uma história tão impressionante como acabamos de ler, é impossível parar por aqui. Atualmente é fácil encontrar muitas biografias e estudos sérios sobre a pessoa e a Obra de Viktor E. Frankl. Alfried Längle, por exemplo, depois de anos de trabalhos junto com o vienense e sincera amizade, em seu livro *Viktor Frankl: uma biografia*, o analisara como homem, vê o testemunho que conseguiu ser na história de seu tempo, sua atuação como médico e como cientista. Diz que ele foi uma vida marcada pela segurança pessoal, mas que às vezes pareceu contar com a sorte, pois em sua trajetória, houve períodos de dor, tensões e conflitos, que foram lapidando a sua personalidade até alcançar significação, inclusive mundial. Com a experiência de quem escapou da morte perdendo suas seguranças e valores mais caros, pôde legar elementos para um novo caminho da Psicoterapia (2000).

Também Cláudio G. Pintos, em *Un Hombre Llamado Viktor*, o estudou e demonstrou como aquele que sempre viveu buscando comprometidamente algo ou alguém, e que legou uma Obra rica em conteúdos e sentido, sobretudo porque sua vida foi a maior expressão disso (2007). Daí se poder dizer que até mesmo a apresentação da vida de Frankl é, em definitivo, já a sua Obra (PINTOS, 1998). Há muitos testemunhos de que a história da vida pessoal de Frankl teve realmente coerência com a sua obra teórica, como analisou Marina L. Freitas (2012). Também Fizzotti já frisara que diante dos acontecimentos que envolviam Frankl parece até que o destino jogava a seu favor, uma vez que o vienense enfrentava os fatos com autonomia e determinação (PINTOS, 1998).

Diante dos acontecimentos se constata que as circunstâncias não davam ordens a Frankl, mas lhe faziam escolher atitudes de maneira autoconsciente e de forma transcendente, com liberdade e responsabilidade! Dessa sua coerência entre vida e obra fala até mesmo a sua Lápide: “*Nasci sendo Victor Emil Frankl e morrerei sendo Victor Emil Frankl*” (Idem, p. 139). Também Eloisa M. Miguez diz que na própria biografia do vienense há “um fio condutor de seu pensamento, tal qual foi se

desenvolvendo em consonância com os acontecimentos de sua vida”. E que ele próprio elencou em uma entrevista; “[...] *primeiro descobri minha teoria para mim mesmo*” (MIGUEZ, 2014, p.17-18).

A discípula fiel de Frankl, E. Lukas, também estuda a vida e a doutrina frankliana elaborando livros que são verdadeiros manuais da vida humana na busca de sentido. Diante das dificuldades e da vida em geral, desafia a fazer uso da *força desafiadora do espírito* humano (LUKAS, 1989). Sintetiza o pensamento do vienense e o oferece como uma *psicologia espiritual* sempre atual e acessível inclusive para leigos (2016). Lukas escreveu cerca de 22 livros para explorar a Logoterapia. Na mesma linha também se encontra a Dra. Izar Xausa, com sua rica contribuição sobretudo aqui no Brasil (2011).

David Moises B. dos Santos, em *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, diz:

Desde que Viktor Frankl (2008) lançou seu livro intitulado *Em busca de sentido*, no qual narra sua vivência em campos de concentração a partir das ideias da Logoterapia e Análise Existencial, ela se tornou conhecida mundialmente. Tida como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, atualmente conta com mais de 110 instituições que se dedicam a essa abordagem (*Viktor Frankl Institute [VFI]*, 2013). Além disso, tem agregado interessados não apenas da psicologia e psiquiatria, mas das mais diversas áreas de conhecimento, como educação (Damásio, Silva, & Aquino, 2010), filosofia (Rocha & Gomes, 2012), teologia (Einsfeld, 2010), enfermagem (Lima & Santa Rosa, 2008), literatura (Feitosa & Gaudêncio, 2012), entre outras. No Brasil, em particular, o número de publicações vem crescendo nesse início de milênio (Véras & Rocha, 2014) (SANTOS, 2016, p. 129).

Enfim, por hora nossa lista basta. Nos temas seguintes conheceremos muitas outras contribuições a partir do estudo e aplicação do pensamento frankliano. Aqui cabe finalizar dizendo que só uma obra profundamente fincada na coerência da vida pôde levar Frankl a tanto sucesso na busca de sentido pelo ser humano de diversas culturas, idades e épocas.

2 Da Psicoterapia à antropologia

2.1 Há feridas que exigem mais do que terapia do psiquismo

Diante do mundo da Psicoterapia, como ajuda ao ser humano que sofre, Frankl se deparou com práticas clínicas e teóricas que lhe pediam algo a mais, uma vez que

os pacientes mesmos deveriam ser vistos na riqueza da alta dignidade: possuidores de uma constituição bio-psíquica-social e espiritual. Não dá para continuar tratando somente o aparelho psíquico do homem neurótico, e muito menos seguir definindo a humanidade da pessoa a partir de afirmações vindas apenas da análise de uma das dimensões da criatura racional, o psiquismo.

É sobretudo diante do perigo de reducionismos em relação ao conceito de homem que Frankl reage. E isso não só na sua maturidade científica, pois já aos 13 anos reagiu defendendo o sentido da vida diante do seu professor de segundo grau que expunha a vida humana tão-somente como combustão orgânica (RODRIGUES; BARROS, 2009). O pequeno vienense já sinalizava a sua maestria que viria salvaguardar a capacidade espiritual do ser humano de buscar um significado para a vida, um sentido que valesse a pena dedicar toda uma existência. Foi ainda na adolescência que

Frankl se deparou com a mesma indagação: qual o sentido da vida? O jovem estava indignado com o suicídio de um colega, encontrado com um livro de Nietzsche nas mãos. Sua reação foi a de convencimento da existência de uma forte associação entre a concepção filosófica e a maneira de compreender e enfrentar a vida. Esta constatação levou o autor a se dedicar ao estudo apurado da filosofia (XAUSA, 1986; BAZZI, 1981; FIZZOTTI, 1977a; PAREJA HERRERA, 1989; RODRIGUES, 1992) (RODRIGUES; BARROS, 2009, p. 16).

Também estudiosos como Xausa (2011) dentre outros, analisam que já no artigo do Frankl universitário apresentado no III Congresso de Psicologia Individual Vienense, em 1926, falando sobre *Neurose como expressão do meio*, tinha algo esclarecedor de que tal afecção pode ser um indício da necessidade profunda de significado existencial. Aqui já se pode ver a semente originária da terceira escola vienense de psicoterapia, a Logoterapia.

Frankl, naquele artigo, evidenciava que a neurose nem sempre devia ser interpretada como mero meio para um fim, podendo ser também a “expressão do homem”, tendo por ressonância um caráter “instrumental” ou mesmo “expressivo” (FRANKL apud BAZZI et al., 1981). Com esta diferença de interpretação da neurose, Frankl deu o primeiro passo para além da concepção causal-genética do homem. O autor antecipou o que vinte anos após essa conferência explicitamente professaria: “as neuroses não são sempre psicogênicas, mas podem ser também noogênicas isto é, ter origem espiritual” (FRANKL apud BÖSCHEMEYER et al., 1990, p. 34) (RODRIGUES; BARROS, 2009, p. 17).

Frankl já havia se distanciado de Freud com quem se correspondia até por Cartas. As suas novas afirmações foram criando o terreno também para as divergências com a perspectiva da Psicologia Individual de Adler. Isso leva Viktor a colaborar com outros estudiosos como Rudolf Allers (1883-1963) e Oswald Schwarz (1883-1949). As contribuições destes para o nosso autor conduziram a uma maior sensibilidade existencial, embora isso já lhe fosse latente. Influenciaram para que a doutrina frankliana re-humanizasse a psicoterapia (MIRAMONTES, 2010; FRANKL, 2016c).

Frankl vai igualmente beber da fonte filosófico-antropológica de Max Scheler (1874-1928), como veremos a diante. Aqui ele adquire o instrumental filosófico que tornará a sua compreensão psicológica do homem substancialmente diversa da de autores como Freud e Jung. Diz que em psicoterapia, até a neutralidade filosófica consiste igualmente em atitude filosófica, que, às vezes, pode ser degenerativa da grandeza pessoal do paciente. Porque dependendo da visão que se tenha da humanidade do homem, se esta for redutível, por exemplo, pode se negligenciar conceitos como *pessoa, liberdade, responsabilidade e significado*. Tais são quatro dos conceitos eminentemente filosóficos, caros a Frankl, que diferenciam a sua abordagem, sobretudo frente à freudiana e a junguiana (PITER, 2015).

Estes termos filosóficos, dentre outros, como *autotranscendência* e *autodistanciamento*, dão à terapêutica frankliana algo a mais do que tem as outras terapias. Com essas ferramentas, a Logoterapia avança além do nível da neurose e alcança a dimensão dos fenômenos especificamente humanos (FRANKL, 2016c), expressando-se como um tratamento capaz de curar verdadeiramente a alma humana.

Portanto, foi diante do perigo de instrumentalização da interioridade dos pacientes, de quando o remédio terapêutico em modalidades tradicionais não fizer mais os efeitos sanativos na afecção física ou psíquica, que Frankl propôs ao médico lembrar-se de algo como está regulamentado na *American Medical Association*: “o médico deve igualmente confortar a alma. Isto não é de modo algum uma tarefa só do psiquiatra. É, muito simplesmente, tarefa de todo médico que pratique a sua profissão” (FRANKL, 2015, p. 80). Constata que chegam “ao médico problemas que não são

propriamente de natureza médica, mas antes, de natureza filosófica”, e para os quais se tem que está preparado (2016d, p. 23).

2.2 Do tecnicismo ao humanismo em psicoterapia

Em 1957, proferindo Conferências na Universidade de Salzburg, Áustria, Viktor Frankl propunha a re-humanização da Psicoterapia (FRANKL, 2015). Adverte sobre os perigos do psicologismo dinâmico presente na atual psicoterapia. Combate principalmente os erros da sistemática psicoterapêutica presentes, sobretudo, na Psicanálise de Freud, na Psicologia Individual de Adler e na Psicologia Analítica de Jung (Idem; 2016b, 2014b).

Ele reconhece os méritos de Freud quando este interpreta o sentido dos sintomas neuróticos, descobrindo a dimensão do ser psíquico, a vida inconsciente da alma, porém o critica por não reconhecer no homem algo a mais do que a instintividade, fixando-se em um inconsciente instintivo. Freud via os sintomas neuróticos vindos do inconsciente como conteúdos esquecidos ou reprimidos, como algo desagradável. A neurose consistia em um compromisso entre os instintos conflitivos entre si ou até mesmo entre as pretensões das instâncias intrapsíquicas do Id, Ego e Superego, ou ainda um ato falho (Ibid, 2016b, 2014b).

Frankl frisa que já o filósofo alemão Max Scheler havia chamado a atenção para o ponto fraco da Psicanálise, de considerar a instância que reprime, censura e sublima conteúdos inconscientes, inclusive de sonhos, como algo deduzido dos instintos. Diz que se os instintos proporcionam o *que* do reprimido, não podem também ser, por si mesmos, o *quem* da repressão (Ibid). Foi essa compreensão da realidade do espiritual no ser humano como inteligência e liberdade defendida por Scheler que influenciou Frankl. Ele ofereceu a categoria “espírito” para o cerne da sua antropologia filosófica. Porquanto era tal princípio que o alemão considerava dar a posição peculiar do homem no Universo (PEREIRA, 2015).

Assim, Freud limitou o campo de visão, não só em relação a uma genealogia da moral com a repressão dos instintos, mas também em relação a uma teleologia no ser psíquico com o princípio da homeostase. O homem com o seu aparato anímico está como que condenado a dominar e ou remover excitações e estímulos de dentro

(natureza/psiquismo) ou de fora (cultura). E grande tem sido a lista de críticos da homeostase (FRANKL, 2015; 2014b).

Viktor Frankl também lança uma crítica à Psicologia Individual de Alfred Adler. É certo que ele considera que essa Escola já ia além de Freud, porque ampliava a visão das neuroses para além do psicológico. Via o sentimento de inferioridade do indivíduo exigir compensação na solidariedade da comunidade. De tal modo a impulsividade que reprime/sensura, passa de um âmbito pessoal, das instâncias intrapsíquicas, para o campo social como a nova instância que determina a atitude e orientação do ser humano (2015; 2016b, 2014b).

Outra terapia merecedora da crítica frankliana é a Psicologia Analítica. Frankl não deixa de reconhecer os méritos de Jung, sobretudo, o de ainda no início do século passado ousar definir a neurose como o sofrimento da alma que não encontrou seu sentido. Porém repreende o psicologismo analítico que chegou a considerar a pessoa como uma instância suprapicológica, única capaz de colocar ordem no caos dos motivos religiosos e experiências internas do inconsciente. Essa visão deixa faltar a instância que capacita o ser humano a tomar decisões diante inclusive das criações do inconsciente. Diz ser um erro restringir a transcendência humana à imanência psicológica, e, conseqüentemente, à imanência biológica, uma vez que se pode considerar os arquétipos como herdados já na estrutura cerebral do indivíduo ao nascer. Frankl também elenca posições de outros autores que igualmente combateram o reducionismo do psicologismo analítico (2015; 2016b, 2014b).

Portanto, Frankl criticou ferrenhamente o excessivo emprego da técnica que parece, às vezes, impedir o encontro humano que deveria acontecer entre médico e paciente. Com um contato terapêutico mais humanizado e menos tecnicista, certamente até fazendo uso de ferramentas já em voga, porém com o jeito diferente, se pode conduzir o paciente à nova orientação existencial, plenificante. Daí Dr. Viktor proclamar o fim “do sonho da eficiência de uma mecânica da alma [...] de explicar a vida psíquica com base em mecanismos e de um tratamento dos sofrimentos anímicos com ajuda de tecnicismos” (2015, p. 42).

2.3 Onde está o verdadeiro sofrimento no humano?

Viu-se que cedo Frankl chamou a atenção para o sentido da vida. Certamente isso se deveu à sua perspicácia em se deixar interpelar pelos fenômenos mais originários da interioridade humana que se manifestavam nele mesmo e nos seus pacientes. Ele observava isso graças às ferramentas da Fenomenologia-ontológica-existencial (PETER, 2015; PEREIRA, 2013), que o levava a perceber, sobretudo, a capacidade humana da autotranscendência. Essa é a marca que confirma o fato antropológico fundamental de que a existência humana sempre aponta para algo ou alguém, um sentido que deve ser preenchido, que não é ela própria. Ou seja, é somente em certo esvaziamento e saída de si, que o ser humano se torna plenamente humano, no cumprimento de um sentido em liberdade, dedicando-se a tarefas de forma responsável, encontrando alguém, concretizando valores (FRANKL, 2016c). Se houver algo que perturbe essa realidade existencial, pode ocorrer adoecimentos que se manifestam seja na somaticidade, no psiquismo, ou até no espiritual.

Frankl já observava que havia fatos como o crescimento das fugas de situações e de ideias, o abandono das famílias e o suicídio entre os jovens, principalmente no período de férias e entre pessoas social e financeiramente amparadas. Tudo isso tornava evidente para o doutor vienense que a falta de sentido estava conduzindo a uma neurose coletiva (1991). Daí ele passar a defender que na base da Psicoterapia deva se encontrar uma concepção antropológica, uma imagem verdadeira de homem, uma visão coerente de mundo, para não corromper a humanidade do homem com fundamento antropológico errado (FRANKL, 2014). Pois ele diz que:

[...] o homem de hoje, ao contrário do que ocorria nos tempos de Sigmund Freud, já não é sexualmente frustrado, mas existencialmente frustrado. E hoje sofre menos do que no tempo de Alfred Adler, de um sentimento de inferioridade do que de um sentimento de falta de sentido, precedido por um sentimento de vazio, de um vazio existencial para sua vida (FRANKL, 1991, p. 155).

É diante dessa nova realidade da atuação terapêutica que Frankl busca um método que possa responder as verdadeiras buscas dos seus pacientes. Ele mesmo diz: “cada época tem suas neuroses e cada tempo precisa de sua psicoterapia” (2015, p. 9). Por isso vai cunhar o termo *vácuo existencial* para falar dessa realidade do sentimento de falta de sentido, vazio, tédio, neurose de massa, que caracteriza grande

parte da geração atual e dos seus sofrimentos (2016c; 2016e). Assim Frankl busca saber qual a causa desse vazio. E constata que:

[...] ao contrário dos animais, não são os instintos e as pulsões que dizem ao ser humano o que ele tem de fazer. E, ao contrário do que acontecia no passado, também as tradições não lhe dizem mais o que deve fazer. Sem saber o que é imperioso fazer e sem saber o que deve fazer, também já não sabe mais o que quer (FRANKL, 2016c, p. 16-17).

Com isso, o mestre vienense conclui que se o ser humano chega a tal desorientação, haverá consequências desagradáveis seja para si mesmo, seja para a sociedade em geral. Pois isso leva especialmente a dois graves extremos: fazer o que as pessoas fazem (*conformismo*) ou fazer o que as pessoas querem que se faça (*totalitarismo*). Ambas as atitudes causam chagas na sociedade e na vida pessoal. Pois a manifestação desse vazio aparece como certa neurotização, ou neurose noogênica, perda da esperança no sentido da existência (2016c).

Há três sintomas básicos dessa neurose: a depressão, a agressão e a adição (drogodependência). É tal realidade que Frankl, embasado por diversas estatísticas de experientes profissionais, chama também de “patologia do nosso tempo” (2016e, p. 09). Nosso médico identifica até os passos do aparecimento do fenômeno do vácuo existencial. Primeiro surge o sentimento de falta de sentido, segundo, aparece a neurotização da humanidade, uma espécie de adoecimento espiritual, frustração existencial. E em terceiro lugar, um tipo específico de neurose, a neurose noogênica. Aqui se percebe uma diferenciação das doenças humanas: enquanto a neurose *somatogênica*, causada por problemas fisiológicos; a *psicogênica*, causada por distúrbios instintivos ou afetivos; e a *noogênica*, que “é a situação de anormalidade psicológica causada por fatores espirituais” (Idem, p. 15, nota. 1; 2016c).

Em substância, Frankl (1990) diz também que o vazio existencial pode se manifestar em práticas humanas doentias de quatro maneiras: a *atitude fatalista* na qual o homem se sente um produto de combinações psicofísicas e sociais; a *atitude existencial provisória*, na qual o indivíduo tende a viver dos impulsos do presente sem perspectivas de futuro; a *atitude coletivista*, na qual o ser humano confunde a si mesmo e a sua responsabilidade com a massa; e a *atitude fanática*, quando o indivíduo não tolera a pluralidade. É a despersonalização.

Mesmo diante das várias espécies de adoecimentos humanos, que têm inclusive impactos coletivos, o nosso autor Frankl com a sua Logoterapia nos dá uma injeção de ânimo: diz que esse sentimento de vazio tomado em si mesmo, não constitui uma doença. Pois

[...] perguntar-se qual sentido da vida é um ato especificamente humano – nenhum animal tem dúvidas acerca do sentido da existência – e mais humano ainda é questionar se a vida tem algum sentido. Tal atitude é, além disso, um sintoma de amadurecimento espiritual: significa que a pessoa não se limita genericamente ao que lhe dizem os ideais e os valores tradicionais, mas tem a coragem de lutar por um sentido pessoal, de procurá-lo por conta própria, com autonomia (2016e, p. 15-16).

O nosso mestre da Logoterapia ensina ainda mais, diz que

[...] quem conhece um sentido para a sua vida encontra, na consciência desse fato, mais do que em outra fonte, ajuda para a superação das dificuldades externas e dos desconfortos internos. Disto se infere a importância que tem, sob o aspecto terapêutico, a ajuda a ser prestada ao homem no afã de encontrar o sentido de sua existência e de nele acordar, enfim, o desejo semidormente do sentido (*Sinngebung*) (FRANKL, 1991, p. 32).

3 Da antropologia à transcendência

3.1 A realidade da psicoterapia pede novos métodos

Como a realidade dos sofrimentos humanos tem se diversificado e o médico vienense quer ajudar aos seus pacientes a sanar as suas afecções, ele sente que as ferramentas terapêuticas em voga precisam de um alcance maior para atingir lá onde as pessoas sofrem. É quando Frankl passa a defender dois eixos fundantes para uma psicoterapia que trate o ser humano em sua verdadeira humanidade. Sente que a Psicoterapia atual carece primeiro de uma teoria antropológica, e segundo, de uma filosofia de vida. Isso porque o psicoterapeuta querendo ou não, influencia na conduta moral e ética do paciente. Daí ser necessário certificar-se “se em determinada teoria ou filosofia, a humanidade do homem se mantém preservada ou não” (FRANKL, 2011, p. 25). É a influência de ideologismos nas psicoterapias que leva Frankl a buscar soluções. Disse que chegou até a discutir o assunto com o próprio Martin Heidegger, que inclusive concordou com ele (2011).

Gordon W. Allport já dissera que enquanto Freud encontrava a raiz das angústias do ser humano na ansiedade causada por motivos inconscientes e conflitantes, Frankl distingue várias formas de neuroses e atribui algumas delas à incapacidade de encontrar um significado e um sentido de responsabilidade em sua existência (FRANKL, 1984). Viktor observa que no âmago do seu ser, a pessoa humana parece não sofrer mais de frustrações sexuais como queria Freud ou de status social como queria Adler, mas sim da frustração do desejo de sentido e significado na vida (2016a). É essa visão diferenciada da realidade da pessoa humana e do local interno de onde partem os seus sofrimentos que leva o psiquiatra vienense a ousar também como filósofo, porém, um filósofo com uma antropologia que seja igualmente terapêutica respeitante da dignidade unitária e dimensional do ser pessoa (PETER, 2015).

O Dr. Paulo Kroeff na *Revista da Abordagem Gestáltica* (v.17, n.1, jun./2011) apresenta também a visão frankliana da Psicoterapia. Diz que Viktor Frankl até aceita que se situe a sua teoria dentro da psicologia humanista ou da psiquiatria existencial, porém ele mesmo marcou antes suas diferenças (FRANKL, 2011; 2016b). O vienense critica a ideia humanística de *auto-realização*, preconizando a *autotranscendência* como pré-requisito para a realização pessoal, uma vez que somente quando se concretiza um sentido de vida é que a pessoa se realiza. Em várias de suas obras ele fala da dinâmica ontológica que acontece na verdadeira experiência humana, experiência essa com a saída do indivíduo de si mesmo ao encontro de algo ou alguém que está no mundo.

Aqui deve se entender a palavra experiência não como a execução prática de uma mera teoria, mas muito mais, como o experimentar algo que transforma o sujeito na busca de um sentido como acontecimento que altera algo em sua vida. Jorge Larrosa, falando sobre tal experiência cita Heidegger (1987, p.143) que diz: “fazer uma experiência, quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e nos submetendo a isso” (2002, p. 25). Então, experiência, no seu significado mais originário, tem a ver com algo vivenciado existencialmente que transforma. Significa “a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente *ex-iste* [...]. É a apreensão de uma forma de ser” (FRANCILEUDO, 2016, p. 51). Daí Frankl colocar na sua

Logoterapia ferramentas que possam direcionar os seus pacientes para essa experiência como transcendência, que, inclusive e não obstante o sofrimento, não consiste em um mero padecimento, mas pode ser um acontecimento transformador do ser da pessoa para alcançar um sentido, até um suprassentido, um mergulho no Transcendente.

Aos existencialistas, Frankl critica o pessimismo em relação ao sentido da vida. Mostra que este bem existencial (o sentido) se encontra no mundo, sendo somente necessário que seja descoberto (KROEFF, 2011). Aqui entra a dinâmica do *dever-ser*, da experiência humana como busca de sentido, concretização de valores, transformações que tornam o sujeito responsável. É na responsabilidade que consiste a essência da existencialidade mais verdadeira do ser humano. É nessa base do ser humano como ser-responsável que a Logoterapia pede uma Análise da existência, como método que conduza até a cura da alma (FRANKL, 1978; 2010b; PETER, 2015). Ora, Frankl quis trazer para dentro da psicoterapia a reflexão sobre a liberdade e a responsabilidade, para se perceber que no campo do *poder-ser* do ser humano, pode-se sempre tomar decisões livres e maduras (KROEFF, 2011).

Aqui estão as três perspectivas do Sistema frankliano, como uma proposta antropológica-fenomenológico-analítico-terapêutico, que acontece inclusive em três momentos: surge como *Logoterapia*, ou seja, partindo do espiritual; amadurece como *Análise existencial*, caminho analítico das experiências humanas em direção ao espiritual; e se amplia como *Cura médica de almas*, tratando do espiritual do ser humano (PETER, 2015, p. 28-98).

3.2 A Logoterapia como método de cuidado espiritual

São muitos os autores que têm trabalhado enriquecendo a proposta de Viktor Frankl. Ela conquista os corações de pesquisadores, médicos, pacientes e até de leigos no assunto, por conta da sua oferta de terapia do sentido da vida, daí o seu nome Logoterapia. É uma psicoterapia que se baseia no conceito de que a vida possui um sentido. Este sentido, *logos*, interpela a alma humana tornando-se algo terapêutico, e conseqüentemente, cura.

Fizzotti fala da fundamentação da terapia frankliana como uma proposta psicoterápica de respeito ao ser humano e que busca sua re-humanização. A Logoterapia amplia a visão de homem dando ao indivíduo o otimismo de se compreender como ser único, responsável e capaz de posicionar-se diante dos condicionamentos da vida. E isso é possível justamente porque, diferente dos animais, a pessoa humana possui uma dimensão espiritual como a sua base sustentável que comporta as outras dimensões: psicológica, social e física (1996). Apesar de o homem ser uma unidade físico-psíquica, Frankl diz que esta unidade não constitui o ser humano total. É precisamente o espiritual que o institui, funda e garante a sua totalidade (2016a). Diz isso também auxiliado pela teoria dos valores de Max Scheler, sobre o lugar especial ao homem no universo (SCHELER, 1984 *apud* KROEFF, 2011).

Frankl recorda que, como Freud se havia limitado ao *andar térreo e ao porão do edifício* da interioridade humana, agora é necessário partir para verificar *a altura do ser humano* em sua dignidade espiritual (2016b). E para evitar confusão conceitual, nosso autor diferencia este *espiritual* da significação *religiosa*, chamando esta dimensão dos fenômenos verdadeiramente humanos de *nooética*. É um termo com o qual a antropologia frankliana garante a sua autêntica filosofia, e não degenera em panaceia ou religiosidade.

Na definição do homem frankliano, entra ainda a *consciência*, o órgão do sentido. Esta é a instância humana que dialoga e se faz porta-voz de algo distinto da criatura. Ora, a consciência humana não conversa somente com uma instância última que ainda pertença à grandeza do homem, como queria o niilismo, mas no fenômeno mesmo de sua manifestação a orientar a criatura racional rumo à Verdade/Justiça, ou seja, ainda no âmbito psicológico imanente, ela já remete por si mesma a um todo transcendente. Mesmo no nível das confabulações interiores do ser humano pode se verificar que não existem somente *monólogos*, mas sim *diálogos* com um Tu transcendente, onde inclusive se descobre a espiritualidade inconsciente. Daí Frankl ter exposto a realidade dessa espiritualidade em seu livro *A Presença ignorada de Deus ou o Deus inconsciente* (2017). É uma instância que dirige inclusive as pulsões, e é algo originário. Com isso, pode se perceber que “o homem é um ser eticamente decisivo, não impelido nem pela consciência moral, mas que se decide perante ela” (2014b, p. 111-113). Portanto,

[...] a consciência e a responsabilidade constituem precisamente os dois fatos fundamentais da existência humana. O qual, traduzido numa forma antropológica fundamental, podia expressar-se assim: ser-homem equivale a ser-consciente-e-responsável [...] são os dois aspectos juntos e combinados que oferecem a imagem total e verdadeira do homem (FRANKL, 2010b, p. 13).

3.3 A espiritualidade do ser humano como caminho de cura e transcendência

Como temos visto, o homem tem na base do seu ser uma dimensão espiritual. É essa espiritualidade mais originária, genuína, que inclusive não deve ser confundida com a religiosidade das Religiões (das pessoas que vivenciam um Credo) nem com a religiosidade arcaica junguiana. Frankl se refere ao fenômeno primário da interioridade humana. Diz que

[...] hoje não questionamos mais “o futuro de uma ilusão”; porém, refletimos sobre a eternidade de uma realidade, sobre a eternidade e a atualidade, sobre a onipresença daquela realidade que se revelou ser a religiosidade do ser humano e que constitui uma realidade no sentido mais estrito. Trata-se, certamente de uma realidade que também pode permanecer ou tornar-se inconsciente através da repressão (FRANKL, 2017, p. 64).

Nosso autor acrescenta que é justamente nesses casos que a ferramenta da Análise Existencial busca tornar atual essa realidade espiritual que, inconscientemente, sempre esteve presente na interioridade do ser humano, mesmo no neurótico. O problema deste é a deficiência na sua relação com a transcendência, que não raro, essa transcendência inconscientemente reprimida, emerge como inquietude, que pode levar à sintomatologia neurótica. É aqui que entra a atuação clínica (Idem, p. 64-65).

Agora se compreende por que Frankl disse que até as implicações clínicas da logoterapia derivam-se, na verdade, de suas implicações antropológicas, e que intencionalmente ou não, a psicoterapia é baseada em uma teoria do homem e uma filosofia de vida (2016a). Pois ele via a psicoterapêutica lidando com a parte essencial do homem, e, que, de sua saúde, certamente, depende até a saúde do mundo, a ausência de ideologismos. Vejamos,

Frankl, por ser neurologista e psiquiatra, tinha muito presente as dimensões física e psíquica do ser humano, e sua estreita relação - seu *paralelismo*. Ele tinha também grandes conhecimentos filosóficos, propugnando para o ser

humano uma outra dimensão “com um âmbito independente, próprio e que tem suas próprias leis” (Frankl, 1991a, p. 117), capaz de, por meio da “*capacidade de oposição do espírito*”, antagonizar-se com o que se pode denominar a *dimensão psicofísica*. A logoterapia afirma que esta *antagonização* é possível mesmo em vivências de sofrimento e na proximidade da morte, por meio do valor de atitude (KROEFF, 2011).

Ora, com os três pilares: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida, Frankl afirma a capacidade do homem de resistir às ideologias do pan-determinismo (2016a). Pois o ser humano, tendo como motivação primária e básica o desejo de encontrar sentidos, exerce com responsabilidade e liberdade o seu ser mais originário e sadio, terapeuticamente superando suas mazelas também pela concretização de valores.

Quanto ao tratamento das neuroses, Kroeff (2011) cita a Dra. Lukas que diz:

O logoterapeuta não esquece a condição psíquica e psico-física do homem, sua estrutura pulsional, a importância da infância, do ambiente e do que aprendeu no passado. Porém, completa este esquema antigo afirmando no homem uma dimensão espiritual; dentro desta dimensão, o homem pode fixar uma tarefa por si mesmo, e não para resolver suas tensões internas, pode realizar esta tarefa porque a considera justa e importante, e não porque lhe permite satisfazer seus desejos ou diminuir o peso de suas aspirações sociais. A logoterapia, portanto, substitui a fórmula nihilista de que o homem ‘é somente’ (um animal mais evoluído, um produto do acaso...) pela fórmula positiva de que o homem é ‘muito mais do que’... (LUKAS, s/d, p. 52).

Diante de situações limites, nosso autor reforçava:

Mesmo que o homem esteja numa situação terrível, em que a possibilidade de realização de valores de atitude seja limitada, a realização de valores de atitude sempre continua possível. E através dela, a vida do homem conserva o seu sentido até o último suspiro (FRANKL, 1989, p. 83).

3.4 Quando o destino é imutável, restam valores incondicionais, a transcendência

Aqui entra o conselho que Frankl deixou para a assistência médica espiritual, a sua *Pathodiceia metaclínica*. Ele disse que se deve gerar no paciente “a capacidade de sofrimento, a capacidade de realizar aquilo que designamos como *valores posturais*, para além dos *valores criativos* e *vivenciais*. Preencher o valor supremo, a *felix dolor*” (2014b, p. 129-130). A Logoterapia convida a se deixar interpelar pela capacidade existencial espiritual que a humanidade do homem possui. Esta pode transformar aspectos negativos da vida em positivos, em algo significativo, o

sofrimento em conquista (FRANKL, 2011, 2016a; 2016d). “Dar testemunho do potencial, unicamente humano, que, em sua forma mais alta, deve transformar uma tragédia em um triunfo pessoal, deve mudar a situação difícil em que o indivíduo está em um sucesso humano” (FRANKL, 2016b, p. 33).

Diante de destino imutável, a pessoa é desafiada a praticar os valores atitudinais, não se preocupando tanto com o sucesso ou o fracasso, mas somente com a realização existencial independente do desespero. E, conseqüentemente, pode se sentir preenchido mesmo diante do insucesso, pois enfrentar o sofrimento de cabeça erguida não é masoquismo, mas apenas a aceitação de que é possível encontrar sentido, mesmo diante de um destino trágico (FRANKL, 2016b, 2014b). Vê-se a necessária assistência médica espiritual lá onde a psicoterapia não alcançou mais, para potencializar o doente internamente diante do necessário do destino.

Essa assistência porém não substitui a eclesiástica, ela tem como meta a cura psíquica, a eclesiástica a salvação da alma [...]. Mas a Religião também tem um efeito psico-higiênico. E a psicoterapia também conduz ao encontro da credulidade originária, *per effectum*, nunca *per inttentionem*, não confessional, mas enfrentando às vezes de “tarefas que eram dos padres e dos filósofos” (Karl Jaspers). Trata de situações espirituais de emergências. Por detrás da necessidade psicoterapêutica se encontra a velha necessidade metafísica, de prestar contas sobre o sentido da existência (FRANKL, 2014b, p. 130; 135).

Frankl deixa claro que para além da vontade de prazer, da vontade de poder, da vontade de sentido, do sentido do criar e do sentido do amar, há o sentido do sofrer. Aqui são os valores atitudinais que levam à postura de enfrentamento coerente. Nosso médico diz que

[...] até o último suspiro não há nenhum deslize definitivo. A aceitação é facultada ao homem, para realizar, às vezes, a renúncia exigida pelo destino. Além do *homo sapiens*, do *homo faber*, do *homo amans*, há o *homo patiens*, que pode se sentir preenchido mesmo no mais extremo fracasso [...] O sofrimento plenamente dotado de sentido é o sacrifício. Este não tem apenas dignidade ética, mas também relevância metafísica. A paixão, o *homo patiens*, se revela como a essência do homem. À imagem biológica do homem se contrapõe a noológica, o *homo patiens*, a coragem de sofrer (2014b, p. 135; 142).

Portanto, mesmo os sofrimentos necessários, vividos à luz dos valores posturais, preenchem o devido sentido possível. Pois Frankl destaca que a dotação de sentido por meio do sacrifício transpõe o sofrimento do plano fático para o plano

do existencial. Assim, vemos que o sentido do sofrimento é interpretável e encontra o seu sentido a partir do mundo transcendente. O desafio é que se tem que enfrentar a indemonstrabilidade do sentido transcendente, pois é aqui que entra a decisão de fé, porque o sentido transcendente se impõe à criatura. Daí, só o homem religioso, a pesar da indigência e da morte, pode dizer sim à vida, com sua missão pessoal, inclusive, diante do suprapessoal. Por isso Viktor Frankl concluir que na existência humana, ter cumprido uma tarefa significa ser eterno, mesmo diante da finitude e temporalidade, pois se arquivam valores na eternidade quando se cumpre uma missão temporal diante do Transcendente/Eterno (FRANKL, 2014b).

Ainda existe outro atributo do sofrimento: Frankl diz que se, de fato, há sentido para a vida, esse sentido é incondicional, e nem mesmo a morte ou o sofrimento podem retirar sua validade (2016d). “Este sentido incondicional, no entanto, encontra paralelo no valor incondicional que cada pessoa, sem exceção, possui. E é isto que garante o fato indelével da dignidade humana” (2011, p. 182). Essa dignidade leva a “suportar a incapacidade de captar, em termos racionais, o fato de que a vida tem um sentido incondicional”. Ou seja, Frankl nos convence de que “o *logos* é mais profundo que a *lógica*” (2011, p. 151).

Deste modo, entendemos quão possível seja encontrar consolo espiritual na existência. Mesmo na temporalidade, pode se experimentar as tensões e as administrar de forma saudável, não com mero equilíbrio homeostático, mas com *noodinâmica*, a polaridade que Frankl diz acontecer entre o ser humano e o sentido rumo à realização plena. Nessa meta, a Logoterapia ajuda a descobrir que, além da *adaptação* aos instintos (Freud) e da *configuração* à realidade (Adler), a pessoa precisa é chegar à *consumação*, à plenitude do ser (2016d).

Enfim, aqui se percebe a grandeza que Frankl compreendeu existir na raça humana. Inclusive disse que se foi o homem que inventou a câmara de gás, foi ele também que entrou nela de cabeça dignamente erguida e com o *Pai-nosso* nos lábios ou com o *Sch'ma Israel* (2016c).

Considerações Finais

Como vimos, é graças à dimensão espiritual, que em qualquer situação o ser humano pode encontrar o verdadeiro sentido da vida. Mesmo no último momento da história pessoal, ainda permanece assegurada essa possibilidade, pois se encontra aberto o acesso à realidade espiritual de estabelecer valores, o que Frankl chamava de valorar. Nessa área não há fechamento total à esperança de alívio das dores, sobretudo, psicológicas ou morais. Até diante da tríade trágica (dor, culpa e morte), é possível encontrar o verdadeiro sentido que ilumina e dá significado à totalidade da existência.

Assim, feito o percurso um tanto histórico das elaborações da Logoterapia, se constata o quanto Viktor E. Frankl foi mais prático do que teórico na interpelação e busca ativa de sentido para a vida humana. Empreendeu algo que não se perdeu como sua experiência singular, mas como experiência que pode ajudar a humanidade de todo ser humano. Ele se abriu em solidariedade, uma vez que declarou encontrar *sentido para si, ajudando os outros* a também mergulhar em tal plenitude. Legou uma base solidamente filosófica à Psicoterapia ensinando a tratar o humano não como máquina, mas essencialmente como humano detentor de uma humanidade rica em significado. Este possui uma profundidade espiritual até inconscientemente, não-reflexa, enraizada na transcendência onipresente, que pede relações sadias.

Frankl legou à Psicoterapia contemporânea a compreensão de que a profundidade espiritual do ser humano é algo que está enraizado em um inconsciente muito além da instintividade freudiana. Ele ensinou a acessar a dimensão da transcendência inconsciente onde se encontra uma espécie de religiosidade imanente na pessoa, e ainda deixou claro que essa realidade da interioridade humana pode se manifestar na existencialidade concreta. Alertou, porém que, às vezes, pode se ter uma relação doentia com a mesma. Contudo, indicou ferramentas totalmente acessíveis seja a profissionais ou a leigos.

Assim, a terapêutica do sentido da vida de Frankl favorece um autêntico contato com a dimensão mais humanizante da pessoa: a espiritualidade. E é nessa dimensão que o paciente deixa de ser refém da sua *somaticidade* (corpo) ou da *instintividade* e *psiquismo* (mente) e pode superar as neuroses acessando a *força desafiadora do*

espírito, como disse E. Lukas (1989). Pois a espiritualidade inconsciente é um verdadeiro núcleo de onde partem os atos das autênticas decisões, isso mostra que o ser humano pode ser ele mesmo em autonomia, liberdade e responsabilidade, ser um *ser-aí* não condicionado (FRANKL, 1987).

Frankl, ao demonstrar a “*Presença ignorada de Deus*” (2017), tornou clara a centralidade mais íntima da pessoa humana. Ainda destacou que “*Esta presença*”, em psicoterapia, não precisa ser levada para o campo teológico, basta aceitar que já a voz da consciência sinaliza como que um fenômeno *Religio*, certos *diálogos* com um *totalmente Outro* que guia a criatura rumo à Verdade. Este é um terreno onde não há simplesmente *solilóquios*.

Portanto, o nosso médico foi ao mesmo tempo cientificamente prático ao esclarecer que a sua terapia não é uma Teologia, nem Teleologia e muito menos Religiosidade. É um instrumental para cuidar do ser humano na sua inteireza, física, psíquica, espiritual, ontológica. Se o dado da fé aparecer na terapia, basta conscientizar da sua eficácia no processo de *cura da alma*, todavia sabendo que este é um elemento de outra dimensão, a *teológica*, com a função específica de levar além da cura interior, à *Salvação*, não pertencendo ao objetivo da Logoterapia. Porém, negar a fé pode ser cegueira diante de algo tão real que já se experimenta bem nas confabulações mais íntimas do humano, um *Tu* espiritualmente inconsciente, incomensurável, e isso não será tanto terapêutico para uma existencialidade plenamente sadia.

Referências

AQUINO, T. A. A. **Logoterapia e Análise Existencial**: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2013.

FABRY, J. B. **A busca do significado**. São Paulo: ECE, 1984.

FABRY, J. B. **Aplicações práticas da Logoterapia**. São Paulo: ECE, 1984.

FIZZOTTI, E. **Conquista da liberdade**: Proposta da Logoterapia de Viktor Frankl. São Paulo: Paulinas, 1996.

FRANCILEUDO, F. A; MARTINS, J. C. **Sentido do tempo. Sentido do ócio. Sentidos para o viver**. Coimbra: Gráfico Editor, 2016.

FRANKL, V. **Ante el vacío existencial**. Hacia una humanización de la psicoterapia. Barcelona: Herder, 2003.

FRANKL, V. ... **A pesar de todo, decir sí a la vida**. Barcelona: Plataforma Editorial, 2016f.

FRANKL, V. **A psicoterapia na prática**. São Paulo: Papyrus. 1991.

FRANKL, V. **A presença ignorada de Deus**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

FRANKL, V. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2016a.

FRANKL, V. **El Hombre doliente**. Fundamentos antropológicos de la psicoterapia. Barcelona: Herder, 1987.

FRANKL, V. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 31. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

FRANKL, V. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1978.

FRANKL, V. **Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

FRANKL, V. **O que não está escrito nos meus livros: memórias**. São Paulo: É Realizações, 2010a.

FRANKL, V. **O sofrimento de uma vida sem sentido**. Caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, V. **Psicanálisis y existencialismo**. De la psicoterapia a la logoterapia. México: Fondo de Cultura Económica, 2010b.

FRANKL, V. **Psicoterapia e sentido da vida**. Fundamentos da Logoterapia e Análise existencial. São Paulo: Quadrante, 2016d.

FRANKL, V. **Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva**. Petrópolis: Vozes, 1990.

FRANKL, V. **Sede de Sentido**. São Paulo: Quadrante, 2016e.

FRANKL, V. **Teoria e Terapia das neuroses – Introdução à Logoterapia e à Análise existencial**. São Paulo: É Realizações Editora, 2016c.

FRANKL, V. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. 20. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2016b.

FRANKL, V.; LAPIDE, P. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014a.

FREITAS, M. L. Há coerência entre a vida e a obra de Viktor Frankl? **Revista Logos & Existência**, João Pessoa, v. 1, n. 2, 2012, p. 115-127.

KROEFF, P. Logoterapia: uma visão da psicoterapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 17, n. 1, jun./2011, p. 68-74.

LÄNGLE, A. **Viktor Frankl**. Una biografia. Barcelona: Herder, 2000.

LÄNGLE, A. **Viver com sentido. Análise Existencial aplicada. Guia para viver**. Petrópolis: Vozes, 1992.

LUKAS, E. **Assistência logoterapêutica**. Petrópolis: Vozes, 1992.

LUKAS, E. **Logoterapia: a força desafiadora do espírito**. Métodos de Logoterapia. Santos: Leopoldianum, Loyola, 1989.

LUKAS, E. **Psicologia espiritual**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2016.

MIGUEZ, H. M. **Educação em busca de sentido: Pedagogia inspirada em Viktor Frankl**. São Paulo: Paulus, 2014.

MINOZZO, L. **Em busca do sentido da vida na terceira idade**. Caminhos da cura da depressão através da Psicoterapia. Porto Alegre: WS Editor, 2013.

MIRAMONTES, Felipe. **Frankl, Allers e Schwarz, encontro e relacionamento no surgimento da Análise Existencial e Logoterapia**. Disponível em: <https://logoforo.com/frankl-allers-y-schwarz-encuentro-y-relacion-en-el-surgimiento-del-analisis-existencial-y-logoterapia/>.

PEREIRA, I. S. **A Ética do sentido da vida: fundamentos filosóficos da Logoterapia**. São Paulo: Ideias e Letras, 2013.

PEREIRA, I. S. Espírito e liberdade na obra de Viktor Frankl. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, n. 3, 2015, p. 390-396.

PETER, R. **Viktor Frankl: a antropologia como terapia**. São Paulo: Paulus, 2015.

PINTOS, C. G. **Un Hombre llamado Viktor**. Espanhol: San Pablo, 2007.

PINTOS, C. G. **Viktor E. Frankl: la humanidad posible**. Buenos Aires: Editorial Almagesto, 1998.

RODRIGUES, L. A.; BARROS, L. A. Sobre o fundador da Logoterapia: Viktor Emil Frankl e sua contribuição à Psicologia. **Revista Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 1/2, jan./fev. 2009, p. 11-31.

XAUSA, I. A. M. **A Psicologia do sentido da vida**. 2. ed. Campinas: Vide Editorial, 2011.

Recebido: 25/06/2024
Aprovado: 01/07/2024